

EXPANDINDO A SALA DE AULA – EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA NA ILHA DE MOSQUEIRO¹

**DANIEL RODRIGUES TAVARES
SEDUC-PA/SEMEC-PA
danielrtavares95@gmail.com**

Nossa narrativa descreve a prática de Educação Patrimonial com alunos do 3º ano do Ensino Médio, de 2017 e 2018, da escola estadual Honorato Filgueiras, em Mosqueiro – Distrito Administrativo da capital do Pará. Trabalhamos com a aplicação de questionários aos alunos, na lógica de perceber inicialmente o que eles trazem de repertório cultural relacionado ao debate que propomos. Para tanto, o *Guia Básico de Educação Patrimonial*, produzido pelo Ministério da educação, MEC, aponta-nos um caminho a percorrer, começando com o desenvolvimento da compreensão de conceitos basilares, passando pela identificação e apropriação dos bens culturais até sua valorização (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999).

O trabalho em sala de aula, a partir do funcionamento do Programa Nacional do Livro Didático, muito se utiliza dessa ferramenta importante de trabalho. Entretanto, Paulo Knauss (2012) critica os livros didáticos, identificando-os como integrantes de uma cadeia normatizadora no ensino, o qual entrega aos alunos o conhecimento pronto. Frisamos que nosso trabalho produziu um texto didático de Educação Patrimonial para Mosqueiro, que apresenta o exemplo de uma prática em educação voltada para o patrimônio, como uma forma de construir conhecimento junto aos alunos, incluindo conceitos patrimoniais, informações sobre a visita técnica, roteiro cultural e pedagógico e a produção dos alunos, mostrando como se apropriaram do patrimônio e conhecimento a respeito da História local.

Paulo Knauss questiona a utilização de imagens e fontes de forma ilustrativa, perdendo a noção de problematização e historicização dos documentos. Discute que essas fontes devem ser analisadas por meio do “processo indutivo de conhecimento histórico” (KNAUSS, 2012, p. 37). Sendo que tal processo, que passa por percepção, intuição, crítica e criação, deve ser condicionado e conduzido pela atuação docente (KNAUSS,

¹ O texto ora apresentado é uma adaptação do quarto capítulo da dissertação “Ensino de História por meio da Educação Patrimonial na ilha de Mosqueiro” defendida em janeiro de 2019, no programa de mestrado profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), pela Universidade Federal do Pará.

2012, p. 42). Aqui podemos fazer referência à metodologia de Educação Patrimonial, produzida oficialmente pelo IPHAN, que, de maneira semelhante, inclui quatro etapas: observação do bem cultural, pelos sentidos; registro, por descrição, fotografias, desenhos, etc.; exploração, por meios de pesquisa em documentos diversas; e, apropriação, por meio de poesia, dramatização, filme, texto, etc (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 9). Logo, a prática docente por meio da Educação Patrimonial é condizente com a prática de um professor que tem a pesquisa como principal ferramenta de ensino.

À luz do que discute Paulo Knauss sobre a utilização das fontes em sala de aula, consideramos que o bem cultural deve ser apresentado ao aluno como documento, e esse aluno, com a mediação do professor, irá percebê-lo ou observá-lo, intuí-lo ou registrá-lo, criticá-lo ou explorá-lo e criar ou se apropriar, estabelecendo diálogo entre a indução do conhecimento histórico e a metodologia de Educação Patrimonial. Ao passo que é o aluno quem deve ler o mundo no processo de ensino e aprendizagem. O professor também deve continuar a ler o mundo, na ótica de refletir a sua prática, continuar sua formação, investindo cada vez mais na pesquisa:

Desse modo, nós, professores/educadores, temos um desafio pela frente: recuperar o conceito de pesquisa como experiência histórica, isto é, como elemento da atividade humana, como constitutivo do social, o que supõe apreendê-lo em seu movimento de constituição e, metodologicamente, implica desvendar as diferentes articulações que os usos da palavra pesquisa estão ajudando a construir, respondendo a indagações como: que relações criaram, que memórias ajudaram a constituir, a quais sujeitos se referem (PEIXOTO, 2015, p. 39)?

É interessante pensar o processo de ensino e aprendizagem como uma ferramenta de formação de pessoas que está sempre em transformação. E nessas alterações, o professor possui uma relevância extrema, principalmente no que diz respeito à reflexão sobre sua práxis, no que tange à pesquisa sobre sua ação, no sentido de utilizar os dados de sua investigação para reforçar condutas exitosas, para reconstruir estratégias que não surtiram o efeito esperado, para perceber como os alunos interagem no processo:

É desse modo que, atualmente, falar em professor como pesquisador nos remete ao professor reflexivo, à pesquisa-ação, à pesquisa sobre a própria prática, entre outros. Tal fato leva a considerar, [...], que as diferentes denominações que caracterizam o professor pesquisador assentam-se sob o mesmo paradigma, qual seja, o do professor reflexivo cujo escopo está em formar um professor que pensa, que reflete sobre sua própria prática e elabora

estratégias em cima dessa prática, assumindo sua realidade escolar como um objeto de pesquisa, de reflexão e de análise (FAGUNDES, 2016, p. 292).

O fazer-se enquanto um professor-pesquisador também nos leva a buscar o que os alunos trazem consigo, a bagagem cultural que chega com os discentes. O aluno já possui um léxico histórico que usa no dia a dia para compreender e/ou explicar as situações do cotidiano. Realidade vivida que é trazida para dentro da sala de aula. Em muitos casos as ideias vindas com os discentes não são suficientes para explicar os fenômenos sociais. Tendo em vista tal fato, considerar o conhecimento prévio do aluno é uma estratégia para que a compreensão dos conceitos históricos possa se estabelecer com uma relação direta ao cotidiano vivido pelo jovem. Sendo que é necessário ir além da bagagem que o aluno traz consigo, avançando para a construção de significados de conceitos que transcendam o senso comum e que possam representar conhecimento histórico construído na escola (SCHMIDT, 1999, p. 148).

Partindo desse debate, aplicamos questionários aos alunos. Para as turmas da manhã do terceiro ano do Ensino Médio de 2017, 301 e 302, do Honorato Filgueiras, os questionamentos iniciais eram:

- 01- Como o ensino de História pode lhe ajudar em sua vida prática?
- 02- O que você entende por Patrimônio Cultural?
- 03- O que podemos considerar como Patrimônio Cultural de Mosqueiro?
- 04- O que você acha que é importante estudarmos sobre a História de Mosqueiro? Por que?
- 05- O que do passado da “Ilha” permanece em nosso presente?
- 06- Esse passado de Mosqueiro faz parte da sua História de vida? Como você se identifica com esse passado?

O segundo questionário aplicado em 2017, que também foi aplicado em 2018, com o mesmo conteúdo, apresentou as seguintes perguntas:

- 01- Qual sua idade?
- 02- Você é natural de Mosqueiro? Se respondeu NÃO, de onde você é? Com que idade você veio morar na Ilha?

- 03- Você trabalha? Se a resposta for SIM, onde você trabalha e qual a sua profissão?
- 04- Qual a renda de sua família?
() Menos de 1 salário mínimo; () 1 Salário mínimo; () 2 Salários mínimos;
() 3 Salários mínimos; () 4 Salários mínimos; () Mais de 4 salários mínimos;
- 05- Qual a escolaridade de seu pai?
- 06- Qual a escolaridade da sua mãe?
- 07- Seu pai é natural de Mosqueiro? Se respondeu NÃO, de onde ele veio? Em que ano chegou em Mosqueiro?
- 08- Sua mãe é de Mosqueiro? Se respondeu NÃO, de onde ela veio? Em que ano chegou em Mosqueiro?
- 09- Você possui computador em casa?
- 10- Você possui acesso à *Internet* em casa?
- 11- Você mora em casa própria, alugada, ou na casa dos avós?
- 12- Qual(ais) o(s) principal(ais) meio(s) que você utiliza para se informar? (pode marcar mais de uma opção)
() Internet; () Televisão; () Revistas/Jornais; () Livros; () As aulas da escola;
- 13- Com que frequência você lê livros?
- 14- Você gosta de ler, sim ou não? Por que?
- 15- Você possui *Smartphone*?
() SIM () NÃO
- 16- Você participa de redes sociais? Se você respondeu SIM, de qual ou quais você faz parte?
- 17- Com que frequência você acessa suas redes sociais?
- 18- Quais os seus interesses em participar de redes sociais? O que você busca numa rede social?
- 19- Aponte fatores positivos e negativos das redes sociais que você participa.
- 20- Com suas palavras, diga quem você é?

O que os alunos responderam foi utilizado para traçar um perfil sócio econômico e identitário das turmas. Salienta-se que apenas 1 aluno disse que não gostava de ler. Isso é importante para a confecção do material didático na forma de texto escrito, uma vez que a maioria absoluta dos alunos afirma que gosta de ler.

O terceiro conjunto de questionamentos aos alunos das turmas de 2017 foi:

01- O que você entende por:

a) História; b) Memória; c) Identidade; d) Cultura; e) Cidadania; f) Patrimônio Cultural; g) Educação Patrimonial.

A lista de questionamentos iniciais aos alunos do terceiro ano de 2018 assim se organiza:

01- O que é e para que serve a História?

02- O que é memória? Existe diferença entre história e memória? Explique sua resposta.

03- Em que o ensino de História nos ajuda? Explique

04- O que você entende por Patrimônio Cultural?

05- O que você considera como Patrimônio Cultural em Mosqueiro? Por quê?

06- Como você conecta o que você considerou como Patrimônio na Ilha com a sua história de vida? Existe alguma relação? Explique.

07- O que é identidade? O que identifica você?

08- O que é Educação Patrimonial? Em que pode nos ajudar? Explique.

09- O que é cidadania para você? Explique.

10- O que você entende por cultura?

Um dos questionamentos mais importantes desse rol é a pergunta que indaga aos alunos sobre o que consideram como Patrimônio Cultural em Mosqueiro, no intuito de se pensar um ensino preocupado não com aquilo que o Estado diz que é patrimônio, mas interessado no que as próprias pessoas consideram como tal; nesse caso, o que os discentes identificaram como herança cultural. É a partir do que os alunos indicaram como bens culturais em Mosqueiro que selecionamos os conteúdos e traçamos uma estratégia de construção de currículo, que se utilizou do ensino da História local da Ilha.

Realizamos uma visita orientada, por meio de passeio ciclístico, ao conjunto arquitetônico: os bens culturais que os alunos mais mencionaram em suas respostas.

Seguindo a orientação da metodologia de Educação Patrimonial, a qual é muito semelhante ao modelo de “indução ao conhecimento histórico”, referenciada anteriormente, os discentes do terceiro ano do Ensino Médio, de 2017, produziram um relatório seguindo as etapas: observação, registro, exploração e apropriação. O primeiro e o segundo itens estão relacionados com a visita técnica aos bens culturais, quando os alunos observaram e registraram por meio de fotos feitas em seus celulares. O terceiro ponto corresponde à pesquisa que os educandos fizeram com o auxílio de aulas expositivas realizadas pelo professor. Por fim, apresentaram o resultado do trabalho, mostrando como se apropriaram do patrimônio em questão, por meio do que eles próprios decidiram fazer: poemas, desenhos e textos dissertativos.

A sequência didática realizada com as turmas de 2018 foi elaborada após a qualificação da Dissertação, portanto, depois de receber críticas sobre a leitura do *Guia Básico de Educação Patrimonial*, já referenciado. Utilizamos, então, a leitura de Simone Scifone (2012) que questiona o guia, mas reconhece sua importância:

O guia teve uma importância como marco da necessidade de afirmação de uma área nova dentro da tutela patrimonial e contribuiu fundamentalmente por sistematizar questões que estavam dispersas, tornando-se, assim, uma obra de referência no país. Mas qualquer conhecimento deve ser entendido como historicamente datado, como produto de um momento e das reflexões que foram possíveis produzir naquele momento. As práticas em Educação Patrimonial pedem, há muito tempo, que se avance em relação àquelas proposições. (SCIFONI, 2012, p. 31-32)

Decidimos não descartar a utilização das orientações passadas pelo material lançado em 1999, mas apresentar o(s) principal(ais) questionamento(s) feito(s) a ele: as discussões giram em torno da conceituação de patrimônio, pouco se preocupa com a expressão educação, que nunca é neutra, que apresenta um sustentáculo ideológico (SCIFONI, 2012, p. 32). Por conta disso, discutimos intensamente a perspectiva educacional e de seu currículo, no que diz respeito ao ensino de História, e dentro da possibilidade do ensino da disciplina, utilizar as concepções dos alunos sobre patrimônio em Mosqueiro, para traçar um plano de trabalho. A autora em questão dialoga sobre a necessidade da Educação Patrimonial também fazer sua opção por educação emancipadora, que considere a comunidade como elemento atuante na patrimonialização dos bens culturais (SCIFONE, 2012, p. 32):

Não seria necessário enfatizar este primeiro pressuposto não fosse a quantidade de projetos que vemos pelo país, em que as comunidades são tratadas como receptoras de ações instituídas pelos técnicos-especialistas, aqueles que se veem e agem como os verdadeiros detentores de conhecimento sobre o patrimônio. Projetos criados de cima para baixo, sem ouvir os principais interessados, sem conhecer o local e as pessoas e, portanto, sem um diagnóstico prévio sobre as questões que envolvem o lugar (SCIFONE, 2012, p. 32).

Ressaltamos que, embora o debate da salvaguarda esteja presente em nosso trabalho, ele não é eixo central. O ensino de História é nossa preocupação maior, a partir de uma estratégia de Educação Patrimonial que levou em conta o que os sujeitos desse processo pensam ser patrimônio em Mosqueiro – os alunos. Uma das preocupações nítidas de Simone Scifone, em seu texto, é com a relação das pessoas com os bens culturais: que seja efetiva, não de distanciamento de um patrimônio definido por técnicos que não possuem afetividade para com os bens de determinado local (SCIFONE, 2012, p. 33). Diante do exposto, no relatório solicitado para as turmas de 2018, além dos itens consagrados pelo *Guia Básico de Educação Patrimonial*: observação, registro, exploração e apropriação, acrescentamos o elemento “Relação das pessoas com o bem cultural pesquisado, no passado e no presente”.

A principal atividade do conjunto do trabalho foi a aula de campo por meio de passeio ciclístico, pelas quatro turmas: dois terceiros anos do Ensino Médio da manhã de 2017, e duas turmas da mesma série e turno de 2018. As visitas ao patrimônio ocorreram por meio de passeio ciclístico, com a participação dos professores de Geografia (Aldo Rodrigues), Educação Física (Gilderson Trindade) e o técnico pedagógico da escola (Arnaldo Azevedo), para se trabalhar numa perspectiva interdisciplinar (ou multidisciplinar).

O roteiro percorrido pelas turmas de 2017 e 2018 corresponde ao trajeto que vai da orla da Praia do Murubira até a Praça Matriz, e depois de volta à escola, que fica no bairro do Maracajá, em Mosqueiro. No percurso visitamos os bens culturais mencionados pelos alunos.

Nas palavras de Maria das Graças Leal: “As fronteiras de paredes e instituições foram ultrapassadas e ricamente reconstruídas nas rotinas, no cotidiano das ruas. Os educandos tiveram a oportunidade de pôr em prática o conjunto de conhecimento sobre história [...] discutido nas atividades teóricas” (LEAL, 2011, p. 143). A visita ao

patrimônio, momento em que realizamos aula no espaço da cidade, na rua, fora dos muros da escola, fato que por si só já causa uma ansiedade e uma euforia nos alunos, no sentido de se engajarem ao projeto, representou também um momento de liberdade:

É importante, pois, que as oportunidades de interação dos sujeitos com os espaços de vivência cotidiana tenham como referência o tempo presente como plataforma de sustentação ao processamento dessas articulações geradoras de significado. Ao se interagirem ativamente com os lugares no sentido da percepção atenta e consciente da sua relação existente com a cidade e entre suas partes, os sujeitos revalidam suas memórias no sentido de operações de reconhecimento das relações já a eles apresentadas (CURY; MORAES, 2011, p. 6).

Selecionamos parte da produção dos alunos. Em seu relatório, a aluna Eliane (301 – 2017) diz assim: “É imprescindível que o projeto de aula passeio ciclístico continue, para que nós e as gerações vindouras conheçamos tudo sobre nossa Ilha”. Conclui com uma poesia com o título “Mosqueiro”:

Mosqueiro, lugar de descanso,
Com suas belas praias, que ao
Final da tarde, não há algo
Melhor do que ver o pôr do sol.
Na Praça Cirpiano Santos, temos a
Famosa tapiocaria, que atrai
Visitantes de todos os lados.
Os chalés com sua arquitetura estrangeira...
Muitos estão desgastados pelo tempo,
Deixando sua história se perder, como se
Fosse algo que pudesse voltar do dia para a noite.
Mas... Mosqueiro, por que você está tão esquecido?
Tu que já fostes palco de treinamento para guerra mundial.
Sem esquecer da Fábrica Bitar,
Que produziu borracha sem cessar.
E hoje estás tão abandonado.
Será que algum dia vão lembrar de você?

A aluna se refere ao treinamento dos soldados, que poderiam ir combater na Segunda Guerra Mundial, realizado na “Bateria de Guerra”, no bairro do Farol, onde hoje se tem uma rua que o povo chama “Bateria”, em alusão ao fato. Refere-se também à Fábrica Bitar, implantada em Mosqueiro, em 1924, e que funcionou até a década de 1980. Contudo, percebe-se uma melancolia nas palavras da aluna, relacionada principalmente ao desleixo do poder público em relação ao cuidado com o lugar, como vemos nas reclamações da aluna Elisabele (301 – 2017):

A aula passeio me fez ter certeza da importância que tem saber sobre o local do qual você mora, sobre a história da Ilha, sobre sua urbanização. É importante sabermos disso para haver memórias no futuro. O que pude observar é que alguns casarões já viraram ruínas, alguns estão à venda ou já foram vendidos, e pouquíssimos ainda estão conservados. A Beira-Mar padece com a erosão, o Trapiche da Vila não é mais como era, ou pior, muitas coisas não são como antigamente, e ninguém faz absolutamente nada; locais que poderiam servir como pontos turísticos, estão se perdendo com o tempo. Órgãos direcionados à cultura e turismo poderiam olhar com mais apreço para a situação, tentar reverter esse quadro degradante (Elisabele, 301 – 2017).

Trilhando outro rumo, diferente do tom melancólico, a aluna Lilian (302 – 2017) fez uma poesia com o título “Mosqueiro” bem ao estilo exaltação:

Mosqueiro de beleza sem igual.
Meu paraíso, terra tão natural.
Seus igarapés e praias têm esplendor.
Bela és tu, Ilha do amor.
Mosqueiro, teu povo é teu protetor.
Tu és fascinante como o nascer e o pôr.
Chalés com sua história sensacional,
Seu Patrimônio Cultural.
Moqueio, para os índios foi a morada.
Transformou-se em Mosqueiro, a Ilha amada.
Sua história jamais será esquecida.
Saiba que tu foste a bucólica escolhida.
És tão amada e graciosa.
Mosqueiro, a Ilha mais formosa.
Forte é tua população.
Amado arquipélago que mora em nosso coração.

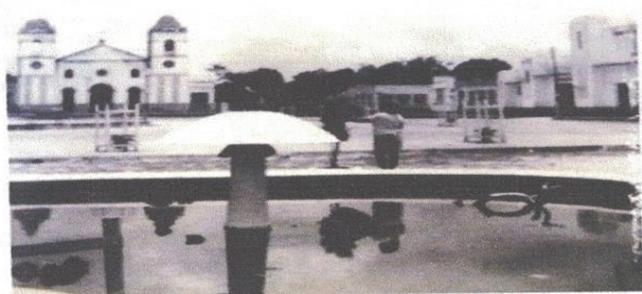
O Luan (turma 301, 2018), que produziu o relatório individualmente, apresentou um trabalho bem organizado, seguindo as orientações: na observação fez um relato detalhado de vários pontos e diálogos feitos durante a aula passeio ciclístico.

Realizou uma pesquisa interessante, ressaltando dados como a inauguração da Praça em 1868, pelo vice governador da Província, Siqueira Mendes, hoje nome dado à rua que passa por trás do Mercado Municipal. Salientou a comemoração do centenário da adesão do Pará à Independência, em 1923, ocorrida na Praça Matriz da Ilha e fez um interessante comparativo de imagens:

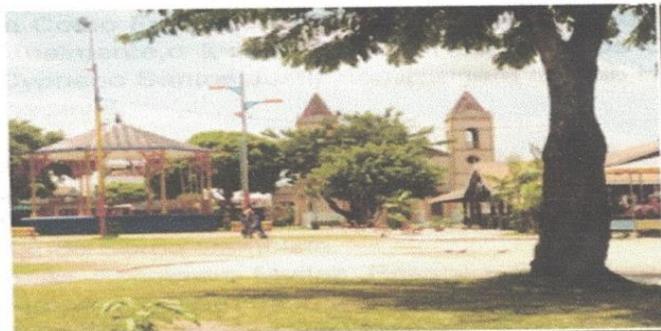
FIGURA 1: A Praça Matriz ontem e hoje.



Praça Da Matriz Em Mosqueiro, Nos Tempos De Vila.



Praça Da Matriz Na Década De 1970.



Praça Da Matriz No Ano De 2011.

Fonte: Relatório do Luan, da turma 301, de 2018.

Na relação do bem cultural com o cotidiano das pessoas, o Luan destacou a vida comercial de mosqueirenses que aproveitam a praça para obter renda, principalmente no mês das férias escolares, mês, que o aluno ressaltou, que belenenses vêm para a Ilha, e para a Praça Matriz, para comercializar algo. O educando escreveu um poema:

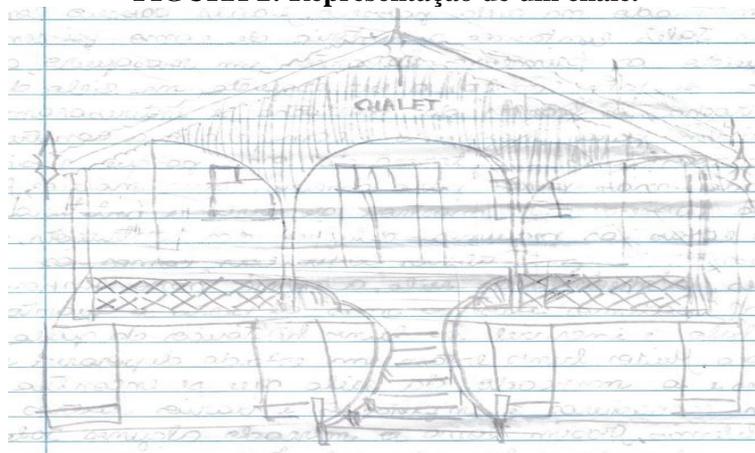
Oh Praça da Matriz
Ponto turístico de famílias e veranistas
Que aqui vêm apreciar e contemplar
A beleza do pôr do grande sol.
Vêm também ter maior proximidade com a natureza,
Com suas grandes e históricas árvores que ali se encontram,
Desde o tempo de nossos bisavôs.
Na tapiocaria podemos desfrutar um pouco das delícias do Pará:
As diversas gostosuras que podemos comprar,
Para ajudar os trabalhadores que dali dependem

Para se sustentar.
Às 18h vem o sino da Matriz a badalar,
Avisando que mais um dia está por se encerrar.
Casais que se encontram para namorar,
Desfrutando a imensidão do grande mar,
Onde ficavam os navios que partiam para a Baía do Guajará.

O aluno, no poema, conseguiu relacionar o bem (Praça da Matriz) com as práticas do cotidiano da vida das pessoas: trabalho, sustento da família, diversão, aproveitar a natureza, considerar a vista do rio Pará, braço do Amazonas, lembrando que dali da Praça, do Trapiche, outrora, partiam embarcações rumo a Belém.

As alunas Fabiana e Adrielly (301 – 2018) construíram um relatório com todos os pontos solicitados. Na observação, o que chama a atenção é a percepção das jovens sobre o estado de deterioração dos bens culturais, com destaque dado ao Mercado, no qual as educandas identificaram a existência de infiltrações e rachaduras no prédio. O registro feito é um ponto interessante do trabalho, onde há a apresentação de um desenho de um chalé, que muito se assemelha ao “Cardoso”, localizado na Avenida Beira Mar, na praia do Chapéu Virado.

FIGURA 2: Representação de um chalé.



FONTE: Relatório da Fabiana e da Adrielly, alunas da 301 de 2018.

A exploração feita pelas alunas caminhou na direção da reprodução de alguns *links* disponíveis da *Internet*, com informações genéricas sobre Mosqueiro. Sobre as formas de uso dos bens culturais, as alunas explicaram como o prédio do mercado da Vila era usado no passado: garagem dos vagões que corriam nos trilhos que iam do Trapiche ao Porto Arthur, e eram puxados por burros. Enquanto, no presente, atestam que o mercado é de

onde famílias tiram seu sustento, inclusive com a venda de comidas típicas. A Fabiana mostrou sua apropriação por meio de texto dissertativo, em que vai destacando alguns pontos importantes, na visão dela, do passeio ciclístico. Em um trecho diz:

A intenção do passeio foi nos aproximar de nosso passado. Foi uma excursão de prospecção (aula passeio) à orla, alguns lugares que podem ser considerados pontos turísticos. Isso fez parte da ação didática do professor, para que nós, alunos, entrássemos em contato com a história do lugar. Foi uma iniciativa bem elaborada pelo professor. Fez com que tivéssemos um olhar diferente sobre a história (Fabiana, 301 - 2018).

A Débora (301 – 2017) comentou “me arrisquei a compor uma poesia” – “Chalés Eternos”:

Suas marcas na história
Deixaram para sempre
Através de sua arquitetura convenceram muita gente
Mostraram seu valor
E todo o seu amor
Conquistaram corações
Pelas suas construções
De ferro importado
Juntamente ao seu modelo
Transformaram o vilarejo
Na bucólica Mosqueiro
Chalés que embelezam
A orla do arquipélago
Mostram aos moradores
O quanto Mosqueiro é belo.

Ana Cristine, Carlos Gabriel e Evandro Henrique (301 – 2018) escreveram assim sobre o coreto da Praça Matriz:

O coreto tem uma influência grande na vida do mosqueirense: as pessoas o usam para seus momentos especiais, como, para dar um passeio, namorar, fazer encontro entre amigos. É usado para se trazer atrações artísticas, para se fazer shows. Até mesmo para ensaios fotográficos. Cada um usa o coreto de sua forma (Ana Cristine/ Carlos Gabriel/ Evandro Henrique).

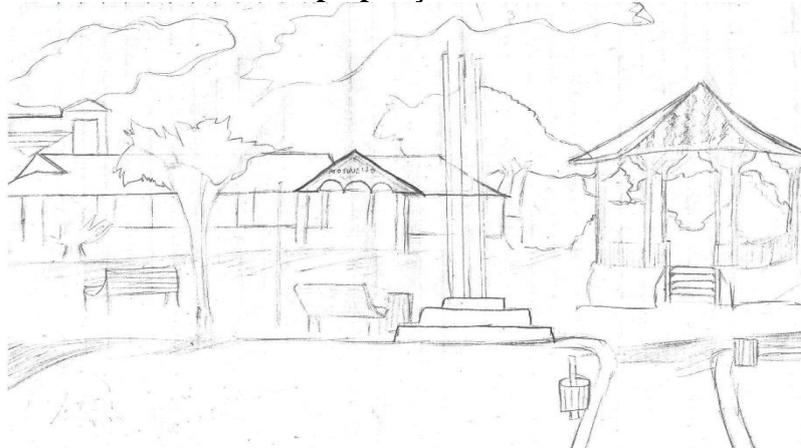
Chama a atenção no relatório desenvolvido pelos alunos Tássila, Victor e Renan (ambos da 302- 2018) a forma como pensam a relação da Praça Matriz com o cotidiano das pessoas:

Antigamente, a Praça Matriz era ponto de encontro de famílias, que se reuniam para levar seus filhos para passear, conversar, etc. A Praça hoje se encontra modificada: já existe a tapiocaria, ponto turístico, onde muitos veranistas comparecem.

A Praça matriz é o ponto de encontro de turistas e moradores de Mosqueiro, que se reúnem para conversar, levar os filhos para passear, brincar, etc. A mesma tem uma grande relação com a vida das pessoas, pois muitos trabalham, tem seus pontos de vendas. A praça tem uma enorme relação com a história da Ilha (Tássila; Victor; Renam, 302 – 2018).

A apropriação apresentada pelo Renan foi um desenho feito a lápis, que mostra como o rapaz vê o bem cultural:

FIGURA 3: Apropriação do aluno Renan.



Fonte: Relatório apresentado pelos alunos Renan, Tássila e Victor, da 302 de 2018.

O professor pode repensar a sua prática, a partir da opinião do corpo discente, assim como verificar a relação entre o conhecimento produzido com o trabalho e as “ideias prévias” dos alunos, no sentido de perceber como o ensino de História pode interferir qualitativamente na aprendizagem (CARRETERO, 1997, p. 36-37), na vida do aluno. O questionário de conceitos aplicado contribuiu com a produção do nosso material didático, no sentido de construir o diálogo entre o que os alunos concebem sobre os conceitos e o que a academia já produziu a respeito, para que se possa, a partir desse diálogo, estabelecer a construção do conhecimento histórico escolar. Nosso material didático não pretende ser a apresentação de todo o saber acerca do Patrimônio Cultural de Mosqueiro, mas um suporte que auxilie professores e alunos na construção de novos roteiros culturais ou mesmo refazer o traçado planejado por nós em torno dos bens culturais relacionados à economia da borracha.

Após a entrega dos relatórios, veio a fase do questionário avaliativo sobre o trabalho realizado, aplicado às turmas de 2017 e 2018, que continha as perguntas:

01- O que você aprendeu em nossas aulas sobre economia da borracha?

02- Conte um pouco do que você aprendeu sobre a história de Mosqueiro.

03- Qual a avaliação que você faz da nossa atividade de Educação Patrimonial no ensino de História?

04- Deixe sua sugestão ou crítica ao projeto desenvolvido.

Em relação à primeira pergunta, selecionamos as seguintes respostas: O Luã da 301 de 2017 disse que “foi um período onde a comercialização da borracha, que era extraída da seringueira, estava no ápice, levando muitos trabalhadores a se tornar ‘escravos’ novamente por não terem conhecimento da exploração que sofriam”. O Gabriel da 302 de 2017, destacou que “vários donos de seringais contratavam pessoas pobres lá no sertão para trabalhar em suas terras no processo de retirada do látex”. A Vyvian da 301 de 2018 comenta que “foi uma época muito importante para o desenvolvimento e embelezamento de Belém, grandes construções foram feitas nessa época, o modelo arquitetônico inspirado foi o europeu”. O Weslly da 302 de 2018 fala que “a Amazônia era a principal fornecedora de látex, que só existia aqui. A procura era grande. A Amazônia o exportava para a Europa. Pensando em enriquecer, vários trabalhadores saíram de suas regiões em direção a Amazônia, mas chegando aqui eles eram mal tratados”. Percebemos nas respostas a evidência dada à condição do seringueiro no trabalho da extração, que era o elo mais fraco do sistema de aviamento. Assim como identificamos a referência à *Belle Époque*, na fala da Vyvian, ao se referir ao modelo arquitetônico europeu e às construções da época.

Sobre o que aprenderam acerca da História de Mosqueiro, escolhemos algumas: a Eliandra da 301 de 2017 destacou “que há muito tempo os Chalés de hoje em dia eram as melhores casas e que as pessoas que moravam eram tratadas como barões, e que era difícil se você ouvir barulho de carro, pois Mosqueiro tinha o seu pequeno trilho”. A Talita da 302 de 2017 disse que “Mosqueiro começou com a Vila de pescadores, depois foi se expandindo e se urbanizando, com o passar do tempo foi construído o Cinema, depois a primeira Farmácia. Foi criado o primeiro meio de transporte que foram os vagões, puxados por dois burrinhos”. O Raul da 301 de 2018 comentou que “Mosqueiro apresenta vários monumentos que são bem conhecidos como: o Coreto, a Igreja, Mercado. Precisamos estudar sua história, como os Casarões que estão em nosso dia a dia, a Fábrica Bitar”. A Joseana da 302 de 2018 falou que “aqui existem alguns chalés, muitas

mangueiras. Havia o bonde. Antes não existia muita coisa e a Vila era uma vila de pescadores”. Os alunos fazem referência à urbanização de Mosqueiro, da virada do XIX para o XX, desatacando os chalés, o trilho, a Praça Matriz. Falam de bens culturais que estão conectados à lógica da comercialização do látex e da imitação do modelo de vida europeu na Amazônia.

O Tiago da 301 de 2017 fez a seguinte avaliação sobre a atividade: “foi muito boa, foi também bastante organizada. O mais importante é que o conteúdo foi dado em uma aula bastante dinâmica”. A Lilian da 302 de 2017 avaliou assim: “boa, pois através da atividade foi possível aprender sobre a História de Mosqueiro com mais facilidade”. A Karlla da 301 de 2018 disse que “foi algo diferente das outras aulas e foi bom pelo fato de termos conhecido os lugares que fazem parte da história de Mosqueiro”. A Keyse da 302 de 2018 comentou: “bom, porque de todos os anos que eu estudei a matéria de História só aprendemos sobre coisas de outros países e nunca ficamos na nossa História que está praticamente embaixo do nosso nariz. Aprendi, algumas coisas e tenho outra visão e pensamento sobre Mosqueiro”. Da fala dos alunos, destacamos as ideias de fazer a aula de um jeito diferente do convencional: o dinamismo e a lógica de se pensar a História a partir do que se vive, do que está bem próximo, caminhando junto à História regional e local – características que compuseram nossa intenção ao realizar a atividade.

No campo das sugestões ou críticas, selecionamos as seguintes respostas: a Eliane da 301 de 2017 sugeriu “que esse projeto possa ser realizado mais vezes e que tenha o apoio da escola e de outros professores, não apenas deles, mas seria importante se outras pessoas ajudassem a realizar o projeto”. O Jardel da 302 de 2017 disse: “minha sugestão é que temos que ter mais passeios, aulas em campo, que faça o aluno sentir vontade de aprender com essas atividades”. A Yasmin comentou que “poderiam ocorrer mais aulas assim, para sair mais da rotina da sala de aula”. O Weslly da 302 de 2018 frisou que “foi uma aula muito boa, principalmente porque saímos um pouco da rotina de sala de aula. Foi uma forma diferente de conhecer a história de Mosqueiro”. A ideia de sair da rotina, de construir um projeto de ensino com a liberdade do espaço da rua, fora das quatro paredes da sala de aula, chamou a atenção dos alunos, que na maioria, assim como as quatro falas que mostramos, sugeriram a continuidade do projeto de ensino por meio da Educação Patrimonial.

Compreendemos que a utilização da prática de Educação Patrimonial no Ensino de História na Ilha de Mosqueiro correspondeu a uma prática educacional exitosa, que conseguiu engajar professores e discentes numa experiência que envolveu o espaço da sala de aula e a cidade, a rua, o cotidiano, e que contribuiu para a construção do conhecimento histórico escolar dos jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Paula Gomes & MORAES, Fernanda Borges. Valorização e preservação do patrimônio cultural e os desafios da contemporaneidade. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo, 2011, p. 6.

FAGUNDES, Tatiana Bezerra. Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**. V. 21. N. 65 – Abril/Junho. Rio de Janeiro, 2016.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sônia (Org.). **Repensando o ensino de História**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 29-49.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. Conhecendo a cidade, descobrindo o olhar: uma experiência de educação patrimonial com História e fotografia. **História & Ensino**, v. 17, nº 1. Londrina, jan/jun. 2011.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Ensino como pesquisa: um novo olhar sobre a história no Ensino Fundamental. **História e Perspectivas**. 53- jan/jun. Uberlândia, 2015, p. 37-70.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. História do ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista História da Educação**, v. 16, n. 37, Maio/Agos. Porto Alegre, 2012, p. 73-91.

SCIFONI, Simone. Educação e patrimônio cultural: reflexões sobre o tema. In: TOLENTINO, Átila Bezerra. **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. Paraíba: IPHAN, 2012.